O Livro das Sete Clausuras

João de Ruysbroeck

João de Ruysbroeck

O Livro das Sete Clausuras

Tradução: Souza Campos, E. L. de

VALDEMAR TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2023

Créditos

Título original: *Le livre des sept clôtures*

Autor : Jan van Ruysbroeck

Tradutor: Souza Campos, E. L. de

Da tradução do flamengo feita pelos beneditinos de Saint Paul de Wisques, Oosterhout, Holanda.

© 2023 Valdemar Teodoro Editor : Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Toda cópia e divulgação são permitidas, desde que citada a fonte.

O livro das sete clausuras

João de Ruysbroeck

PRÓLOGO

Bem-amada irmã! Acima de tudo,
busque Deus e o ame.
Depois, tome o último lugar,
para subir às alturas.

Você prometeu e jurou.
Cumprir é ser salva.
Se você sente em você uma rebelião,
deteste-a como a uma infecção.

Odeie em você toda desordem
e, na medida do possível, elimine-a.
Ame-se no serviço ao Senhor.

Deus lhe ensinará a verdade.
Agora, eu não vou mais rimar
e escreverei a verdade sem volteios.

CAPÍTULO 01

Como Cristo se fez servidor.

Caríssima irmã, lembre-se de que Cristo, o Filho de Deus, se fez humilde, aniquilou a ele mesmo e assumiu a forma de um escravo para nos servir. Ele foi manso, misericordioso e obediente ao seu Pai celeste até a morte. Tudo isto por nós. No meio dos seus discípulos, ele quis parecer um servidor, dizendo sobre ele mesmo: *o Filho do Homem veio, não para ser servido, mas para servir*[1].

Por isto, ele foi elevado em sua humanidade e Deus lhe deu um *nome acima de todos os nomes*, como fala São Paulo: *Deus o exaltou soberanamente e lhe outorgou o nome que está acima de todos os nomes, para que, ao nome de Jesus, se dobre todo joelho no céu, na terra e nos infernos*[2].

Desta forma então, se a Sabedoria Eterna de Deus fez a escolha de servir os pobres, os escravos e os pecadores, você deve, de bom grado, servir e ser obediente a Deus e aos seus superiores.

---

[1] Mateus 20: 28.
[2] Filipenses 2: 9 e 10.

Não tenha, além disto, grande estima por seu serviço, mas aprecie, invés disto, grandemente, que Deus condesceda aceitá-lo, pois, se você fosse filha do imperador de Roma e soberana do mundo inteiro, se você deixasse tudo isto para se tornar uma pobre serva e para servir Cristo em seus membros, você teria motivos para se rejubilar, pois isto seria para você, na verdade, um grande bem e uma grande honra.

A maior glória, de fato e a mais alta nobreza que há no mundo, se avaliarmos corretamente, é servir Deus, pois servir Deus sabiamente é possuir um reino eterno e reinar e, mesmo que este reino esteja agora oculto para nós, ele será revelado após esta vida, quando então Cristo dirá: *Muito bem, servo bom e fiel! Vem regozijar-te com teu senhor*[3].

Assim, todos aqueles que querem ser os senhores e as senhoras, não servir ninguém, mas serem servidos, estes não pertencem ao Reino de Deus. É por isto que o Papa de Roma é chamado de "servidor dos servidores de Deus" e ele deve se considerar assim para o serviço espiritual e a utilidade da santa cristandade, se ele quer seguir Cristo e reinar com ele.

[3] Mateus 25: 21.

Você sabe bem também que São Francisco, seu Pai na religião, se colocou atrás de Cristo e do Evangelho, em palavras e obras. Ele fez a escolha da pobreza, do desprezo e da obediência, querendo ser um servidor para todo mundo, na medida em que ele podia. Ele esteve, entre seus irmãos, humilde e obediente, se fazendo o último de todos e esta é a regra e o exemplo que ele lhe deixou para caminhar seguindo seus passos.

É por isto que seus superiores maiores são chamados de ministros, ou seja, servidores, porque eles devem se colocar ao serviço de toda a ordem, de corpo e alma, ou seja, lhe consagrando trabalho, ensinamentos, correções e santa vida.

A regra, infelizmente é observada agora segundo interpretações e não segundo o texto, como se fazia no início. A pobreza se transformou em magnificência, opulência e bem-estar, na medida em que se pode ter.

Exalta-se muito, em palavras, a pobreza, mas os atos não são de acordo com elas.

A penitência e o trabalho são preguiçosos, pois os irmãos se dizem fracos e querem amenidades e uma vida fácil.

A doutrina se tornou sutileza, questões ociosas e novas invenções, onde a honra de Deus e os frutos para as almas são pouco ou nada encontrados.

A correção é muito suavizada, porque o amor e o medo estão adormecidos. Assim, repreende-se mais pela fama do que pela honra de Deus ou a salvação das almas.

De sorte que, a vida santa se obscureceu grandemente e desapareceu de todas as ordens e de todos os estados da religião.

Assim, cara irmã, se você quer ser uma verdadeira filha de Deus e ser amada por Nosso Senhor Jesus Cristo, você deve seguir seu exemplo e seu ensinamento, bem como o dos santos que viveram no passado, no começo da Santa Igreja. Estes fundamentaram suas regras e suas ordens por suas palavras e seus atos, tendo no exterior e no interior, perante Deus e perante as pessoas, uma conduta exemplar e uma santa vida.

É por aqui que você deve começar.

CAPÍTULO 02

O princípio de toda vida boa.

O fundamento de toda santidade é a pureza de consciência. É por isto que você deve examinar e considerar sua vida desde os dias da sua infância e se você descobrir em você algum pecado que você julgue mortal, você deve se purificar dele perante seu confessor e em presença da Verdade Eterna de Deus, através da contrição, da confissão e da satisfação.

Depois disto, tenha, sem hesitar, esperança e confiança de que, pela liberalidade de Deus, seus pecados estão perdoados. Mas então, mesmo que Deus lhe perdoe, mantenha-se sempre diante de sua misericórdia e diga-lhe ardentemente, do fundo do seu coração: *Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador!*[4]

Eleve para ele sua alma através de um louvor contínuo e, de acordo com a bondade de Deus, amplie sua afeição para todos os santos e todas as pessoas, com um amor eterno.

Seja humilde também e abaixe seu coração em uma grande reverência perante a alta majestade de Deus e aos pés de Nosso Senhor Jesus Cristo. Que esta seja sua prática habitual e um bom costume que você guardará por todos os dias de sua vida.

[4] Lucas 13: 18.

Depois, a cada manhã, quando você se levantar, coloque-se de joelhos e reze humildemente para o Senhor, para que neste dia você possa servi-lo de uma maneira que seja honrosa a ele e que seja bem-aventurada para você, ao mesmo tempo em que benéfica ao repouso e à paz de toda a comunidade.

Por fim, se sua ocupação lhe permitir este tempo e se você tiver a permissão dos seus superiores, você participará da missa.

CAPÍTULO 03

Como se deve participar da missa.

No início da missa, você confessa seus pecados e implora o perdão a Deus, pelas suas imperfeições e negligências e você roga a ele para que seja compassivo e misericordioso.

Depois, você lhe implora que lhe mostre e lhe ensine o caminho da verdade, da virtude e da justiça.

Se você ouvir um sermão ou alguma boa instrução, preste bastante atenção e mais para viver de acordo com ela do que para obter algum saber, pois aquele que sabe

muito, mas não conforma sua vida a este saber, perde seu tempo.

Logo no início da missa, você se lembrará dos sofrimentos e da Paixão de Nosso Senhor. Você meditará sobre isto com amorosa piedade e você o agradecerá, com uma humilde devoção, por ele ter desejado, por você e por seus pecados, se tornar humano, devotar a vida dele e depois morrer com uma morte ignominiosa e cheia de amargura. Isto será sua oferenda ao Pai celeste.

Depois, você lhe oferecerá você mesma e lhe exporá todas as suas necessidades, bem como todos os interesses da santa cristandade. Isto foi o que fez Cristo ao morrer e continua a fazer na vida eterna diante da face do seu Pai.

Este é o augusto sacrifício oferecido pelo próprio Cristo e que todos os sacerdotes oferecem ainda na missa, pois, pelo poder de Deus, eles consagram a carne e o sangue de Cristo e eles oferecem o sacrifício em memória de sua Paixão e da sua morte, assim como o eterno amor que ele nos mostrou no tempo e que aparecerá na eternidade.

Apresente ainda a Deus a eminente dignidade de Maria e de todos os Apóstolos, todos os sofrimentos dos mártires, a profissão firme e gloriosa dos confessores, a

casta pureza das virgens, o louvor dos anjos e o culto universal da Santa Igreja.

Depois, com todas estas oferendas, com todas as suas forças e tudo o que lhe for possível dar, você se apresentará diante de Deus e você permanecerá lá com sentimentos de ação de graças e de louvor e com um amor afetivo.

Assim, você entrará em participação com os sofrimentos e a morte de Nosso Senhor e você terá parte em todo o bem que houve ou haverá no céu ou na terra, pois é desta maneira que se recolhe espiritualmente na alma todo o fruto do sacramento.

Depois, em companhia de suas irmãs, receba o santo sacramento com uma devoção interior e um fervoroso desejo. Não com toda liberdade, no entanto, mas segundo os estatutos e o costume da ordem.

Antes e depois da comunhão e o quanto estiver em seu poder, estimule em você uma fome e uma sede espiritual para o eterno alimento, de sorte que todas as suas forças interiores e todas as fibras do seu coração o desejem avidamente, aspirando com ardor ser saciada e refeita por ele, pois Deus faz nascer essa fome em nossas forças através da graça e através da prática que dela fazemos

e, ao vir habitar em nós, ele sacia a própria essência da nossa alma.

Tenha então uma grande fome e sede de Deus e lhe será dado conhecer e possuir a saciedade em sua essência, pois, se você pode, com uma alegre avidez, tomar o próprio Cristo em alimento, por sua vez, ele a tomará e a consumirá nele, de acordo com estas palavras: *Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele*[5]. E isto é a vida eterna, pois ele diz: *Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós mesmos*[6].

É por isto que você deve amar com tanto ardor que a caridade eterna de Deus a envolva com seus abraços, pois assim você se tornará um só espírito e um só amor com Deus.

Ao receber o sacramento, tenha um grande amor afetivo e uma verdadeira satisfação, pois esta é a carne e o sangue de Cristo, sua própria natureza, que você recebe.

Em seguida, dedique sua alma racional ao amor que é de justiça, pois você recebe a alma viva de Nosso Senhor Jesus Cristo, com todos os seus méritos e toda sua glória.

---

[5] João 6: 57.
[6] João 6: 54.

Por fim, tenha em seu pensamento, ou seja, no seu espírito, um amor que abrase, já que você recebe Cristo, Deus e humano que pode iluminá-la e transformá-la na unidade divina[7].

Assim, você *amará o Senhor teu Deus com todo teu coração, com toda tua alma e com todo teu espírito*[8] e este é o primeiro e o mais elevado mandamento de Deus, o princípio e o fim de toda santidade.

Mas, se você quer praticar e realizar no mais alto grau o amor e a santidade, você deve despojar sua força intelectual de toda imagem e, pela fé, elevá-la acima da razão. É lá que brilha o raio do Sol Eterno, que a iluminará e a ensinará toda a verdade. Depois, a verdade a libertará e estabelecerá seu olhar purificado acima de toda imagem.

Felizes são os olhos que veem isto, pois esta visão sempre traz com ela a força amorosa com um amor despojado! Ao mesmo tempo, fluem inesgotáveis as torrentes

---

[7] Ruysbroeck estabelece aqui uma distinção entre os três tipos de amor que deve fazer nascer em nós a santa comunhão. Há um amor afetivo, sentido no coração, que nasce desse benefício sem igual, quando se recebe o corpo e o sangue de Cristo. Depois, há um amor racional, que tem sua sede na alma, que o autor designa sob o nome de amor de justiça ou de retidão. Por fim, há o amor do espírito, ou amor puramente espiritual, o mais elevado de todos. São estes três tipos de amores que fazem com que se ame Deus com todo o coração, com toda a alma e com todo o espírito. Cf. *A ornamentação das núpcias espirituais*. Livro II, cap. 48.

[8] Deuteronômio 6: 5.

das graças divinas e elas levam a alma até a fonte viva, que é o Espírito Santo. De lá jorram os fluxos das delícias eternas que inebriam a alma e a elevam acima da razão, para se perder no deserto da beatitude sem fim.

Assim é a substância e a raiz da verdadeira santidade que dá sempre nascimento ao exercício íntimo das virtudes, pois o amor não pode permanecer ocioso. Ora, esse exercício íntimo se faz segundo quatro modos que eu vou indicar.

CAPÍTULO 04

Os quatro modos do exercício íntimo.

O primeiro modo nos faz subir até Deus através de uma caridade íntima e um amor eterno, acompanhados de ações de graças, louvores, preces devotas e súplicas afetuosas e totalmente confiantes.

Ao mesmo tempo, o espírito permanece impotente, assim como todo esforço da nossa parte, em face do amor de Deus e de sua bondade eterna. Este é o primeiro modo do nosso exercício interior ou a ascensão da nossa vida em Deus.

O segundo modo nos faz descer, através de um humilde desprezo por nós mesmos. A partir de então, ninguém pode mais nos elevar com seus louvores, assegurados que estamos que Deus em nós é o autor de todas as nossas boas ações e nem nos humilhar e nos afligir com seu desprezo, já que ninguém além de Deus julgará nossos pecados.

Ora, é porque somos pecadores e enfermos em todas as virtudes que devemos nos fazer pequenos e nos abaixar perante Deus, perante nossos superiores, nossos iguais e nossos inferiores. Não ousaremos nos comparar a ninguém, mas teremos desprezo por nós mesmos, nos considerando como os mais indignos dentre todas as pessoas.

Depois, devemos deixar as criaturas e até mesmo os demônios nos flagelar e nos atormentar, o quanto Deus quiser permitir, para que seja vingado em nós o pecado, que Deus tenha a honra e nós a confusão. Este é o segundo modo, que consiste no abaixamento de nossa própria vida, no desprezo e no aniquilamento de nós mesmos na mais profunda humildade.

O terceiro modo nos leva para fora, ao nos fazer praticar interiormente uma caridade bem ampla, que consiste em honrar todos os santos e em nos rejubilarmos por

seus méritos e suas recompensas, em desejar também sua ajuda e sua prece, de maneira a nos tornarmos dignos de partilharmos desses méritos e do louvor eterno de Deus.

Estaremos também unidos a todas as pessoas de bem por meio das virtudes e do amor mútuo, para que todos juntos possamos vencer nossos inimigos, conquistarmos a vitória e obtermos o triunfo final.

Rezaremos também por nós mesmos e para todos os pecadores, desejando que Deus nos faça misericórdia e nos retire de nossos pecados, para nos colocarmos entre os eleitos.

Este é o terceiro modo de vida íntima, pelo qual saímos de nós mesmos para irmos para nosso próximo com o amor bem amplo que encheu o céu e a terra com a abundância de graças e de virtudes.

O quarto modo de vida íntima estabelece nossa razão entre o tempo e a eternidade. Se ela olha para baixo, ela nos mostra este mundo como um lugar de exílio onde somos mantidos prisioneiros. Ao olhar para o alto, ela nos faz ver o Reino dos Céus, ao qual somos chamados e eleitos.

Assim, pelo tempo que nossa razão permanece suspensa assim entre os dois, estamos na dor, pois percebe-

mos, acima de nós, a glória de Deus e todas as coisas em paz, sem poder chegar a elas, ao mesmo tempo em que, debaixo de nós, vemos a instabilidade, o pecado, o dano, a vergonha e todas as coisas em confusão e, no entanto, temos que permanecer aqui.

Assim, o mundo se torna para nós uma cruz e uma causa de tristeza que nos faz chorar, lamentar e gemer pelo tempo que vivemos neste exílio, dizendo com o Profeta: *Ai de mim, por meu exílio ser prolongado*[9]. *Quando irei contemplar a face de Deus?*[10]

Daí nasce, por dom de Deus, no coração amoroso, a mais alta virtude que eu conheço: a longanimidade paciente que nos faz dizer: "Senhor, seja feita vossa vontade e não a minha; vossa honra e vosso louvor, não minha comodidade e nem minha aceitação. Senhor, eu me dou e me entrego a vós para o tempo e para a eternidade".

Isto é, no exercício íntimo, o que se pode chamar de extensão, que faz esperar pacientemente todas as coisas.

Se você estiver de posse destes quatro modos, com o fundamento substancial onde eles tomam raiz, você pode então contemplar, acima da razão, em um estado de vazio

[9] Salmo 119: 5.
[10] Salmo 41: 3.

e de despojamento, enquanto que, pela razão, você considerará todas as virtudes em um estado distinto.

Esta prática se parece com um denário de ouro fino, com o qual se compra a vida eterna[11]. Mas é preciso que cada um prove e examine seu denário, para ver se ele é de ouro fino, de justo peso e bem cunhado dos dois lados. Saiba então que, se amamos Deus por ele mesmo e não por outra coisa, temos um denário de ouro fino. Em seguida, se amamos todo o resto por Deus, interessando-se por ele e o utilizando de maneira a que o amor a Deus prevaleça sobre qualquer outra coisa, então nosso denário é exato e do peso desejado. Depois, quando atrás do Senhor carregamos nossa cruz, afligindo e mortificando nossa natureza através da resistência que opomos a ela e as penitências que lhe fazemos sofrer; quando obedecemos aos nossos superiores e à regra, aos mandamentos e à nossa razão, imitando a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, é então que Cristo vive em nós e nós nele e assim, a face de nosso denário que carrega a cruz recebe seu ornamento, sua marca e seu cunho exato, que precisamos

[11] A comparação do denário expressa a teoria familiar a Ruysbroeck no tocante à imagem e a semelhança de Deus na alma. A imagem é gravada sobre a face nua do denário que carrega a efígie da Santa Trindade. A semelhança é dada pela cruz sobre a outra face do denário e ela se expressa pela imitação de Nosso Senhor e a prática das virtudes. C. Santo Isidoro. *Sententiæ*, 1. III, c. 36, p. L., t. LXXXIII, c. 708.

incessantemente embelezar ainda mais com nossas virtudes, imitando a vida de Cristo.

Quanto à face nua do nosso denário, isto é a essência da nossa alma, onde Deus imprimiu sua imagem e quando, pela fé, a esperança e a caridade, entramos em nós mesmos, para ali amar e possuir Deus, recebemos assim sua imagem de uma maneira sobrenatural sobre a face nua do nosso denário, pois essa face do nosso denário, que é nossa vida recolhida nela mesma, é cunhado e ornamentado com a imagem da Santa Trindade, que é o próprio Deus. Isto é a vida de Deus em nós e nós nele.

Desta forma então, a face nua do nosso denário recebe como ornamento a própria habitação de Deus e a face que carrega a cruz é ornamentada com nossas virtudes, assim como com a vida e os méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo e aí está o denário que tem valor de vida eterna, pois ele mesmo é a vida eterna.

É por isto que todos devem se manter em guarda, pois aquele que, no julgamento de Deus, apresenta um denário falso e sem o peso requerido, é condenado ao fogo eterno. Se então, seu denário é agora de má qualidade, não exato e de cunho falso, reze e suplique ao Espírito Santo para que lhe dê ouro puro, para que, com sua aju-

da, você possa fundir e cunhar um denário que tenha a delicadeza suficiente para agradar a Deus.

Sobre isto, eu não quero mais falar. Mas, eu devo instruir minha irmã sobre a maneira como ela deve realizar seu serviço com humildade e pureza, para ser filha de Deus e receber a coroa da virgindade com a recompensa ao cêntuplo.

CAPÍTULO 05

A obediência e a humildade.

Aqui está o que diz o profeta Davi: *Ouve, filha! Vê e presta atenção! Esquece o teu povo e a casa de teu pai. De tua beleza se encantará o rei. Ele é teu senhor. Rende-lhe homenagens*[12].

Por isto, eu lhe peço, minha cara irmã, escute Deus e seu superior, veja e considere o que eles ordenam e incline seu ouvido a toda obediência e o Rei, que é Cristo, cobiçará sua beleza.

De manhã, depois que participou da missa, vá ao seu trabalho e se você estiver tão ocupada que não possa

[12] Salmo 44: 11 e 12.

participar da missa e nem receber o sacramento, não fique chateada, pois *a obediência é melhor que o sacrifício*[13] e o fruto da renúncia é sempre melhor e mais precioso do que o da vontade própria.

Por isto, pegue sempre o serviço mais humilde e o mais desprezado, seja na cozinha, seja na enfermaria. Não dê ordens e nem comandos a ninguém, a menos que você seja encarregada disto, mas faça sempre você mesma de bom grado o que estiver em seu poder.

Se lhe ordenam o serviço mais humilde, fique alegre e agradeça a Deus por ser considerada boa para isto. Se a encarregam daqueles que estão doentes ou enfermos, sirva-os alegremente, com doçura, humildade e sem reclamar. Se eles se mostram difíceis e impacientes, pense que você serve a Cristo e mostre um rosto tão doce e tão amável que eles tenham vergonha deles mesmos perante Deus e perante você. Quanto mais eles são pobres e doentes e menos são amigos, mais também você terá pressa em servi-los e não olhe somente a pessoa que você serve, mas, invés disto, Deus, por quem você a serve.

Evite com cuidado entristecer os doentes, afligi-los com suas palavras, seus atos ou sua atitude. Mas, se você

[13] 1 Samuel 15: 22.

os vir tristes ou impacientes, você deve consolá-los, lembrando-os dos sofrimentos de Nosso Senhor e dos santos e a alegria com a qual eles os suportaram, merecendo assim possuir agora a glória e a beatitude eternas.

Quando os doentes desejarem algum alívio, é preciso ir em ajuda a eles assim que for possível. Mas, quando eles pedem o que não lhes é bom e nem útil, mas que os tornaria ainda mais doentes, como você pode temer, faça como se você não tivesse compreendido ou ouvido. Se eles insistirem, diga-lhes que isto lhes fará mal. Mas, se eles não querem se render, então você peça a opinião da sua superiora ou de pessoas mais experientes do que você.

Tudo o que você preparar para os doentes, em termos de alimentos ou de bebidas, faça-o bem apropriadamente e de uma maneira tão agradável quanto possível, para que isto os agrade e você tenha paz de um lado e de outro. Você lhes fará a cama e os aliviará o quanto você puder, segundo eles sejam mais delicados ou mais necessitados. Você permanecerá ao lado deles e velará por eles, se for necessário.

Seja tão cheia de alegria e de bom humor com eles, tão alegre em suas palavras que todo doente a desejará.

Diga-lhes também boas palavras e apresente-lhes os bons exemplos de Nosso Senhor e de seus santos, se eles quiserem ouvir, para que todos aqueles que se relacionem com você tenham o alimento espiritual da alma.

CAPÍTULO 06

Como os doentes devem se comportar.

Quando você estiver doente, por sua vez, considere-se como uma pobre peregrina que está hospedada em uma casa estranha e que gostaria de estar em sua Pátria Eterna. Seja paciente, alegre e resistente em todas as coisas e reconhecida para com Deus e seus dons.

Só tenha preferência e desejo por aquilo que Deus quiser lhe dar. Não se deve, aliás, ser muito preocupado ou cuidadoso consigo mesmo, mas se contentar com tudo, se abandonar a Deus e não se queixar da doença, da fadiga e nem do esquecimento das pessoas.

Se ninguém mesmo vier lhe visitar, não reclame por isto e não julgue, mas pegue da mão de Deus tudo o que ele quiser lhe impor.

Coma e beba o que lhe derem, como um pobre, se, porém, você puder. Se estiver muito salgado ou queimado

ou de mau gosto, pense que Nosso Senhor tinha por alimento e por bebida, no meio dos seus maiores sofrimentos, fel e vinagre e ele se calou e não se queixou. Fique então, da mesma forma, satisfeita com tudo, por causa dele.

Se você desejar alguma coisa que lhe pareça útil, você pode dizer àqueles que estiverem perto de você. Se lhe derem, agradeça a Deus, mas, se lhe recusarem, permaneça paciente e prive-se de bom grado, por amor Àquele que será sua recompensa.

Controle seus desejos e não peça tudo o que lhe vier à cabeça e que tenha vontade, pois é assim que costumam agir as pessoas ricas e delicadas. Mas, entre os pobres, isto é muito inapropriado e as pessoas ao redor vão se queixar e ouvi-la com dificuldade.

Se se esquecerem de você e só a procurarem quando precisarem de algo, permaneça, no entanto, paciente e totalmente calma, pois então Cristo está perto de você com todos os anjos e os santos.

Esteja sempre alegre, sem queixa ou reclamação. Tenha Deus no coração e boas palavras nos lábios. Assim, você crescerá sempre em virtudes e todos aqueles que se aproximarem de você se afastarão melhores.

CAPÍTULO 07

A conduta com relação ao próximo.

Depois, quando você se levantar e estiver curada, retorne humildemente ao seu serviço, sem fazer escolha. Vá onde a colocarem, seja na lavanderia, junto aos doentes ou na cozinha.

Escolha sempre o trabalho mais humilde e se lhe derem, alegre-se e pegue-o de bom grado. Se o tirarem, lamente e só aceite a contragosto. Assim, você crescerá em virtudes.

Seja simples, prudente e fiel no seu serviço. Não fale mentiras, nem maldições, nem calúnias, pois aqueles que o fazem voluntariamente e com consciência condenam eles mesmos a própria alma.

Seja pacífica e amável com suas irmãs, não teimosa, mas fácil de se entender com elas com tudo o que é bom.

Não tenha injúrias ou desprezo por ninguém. Evite causar tristeza ou dor a quem quer que seja. Cuide, por fim, para não confundir, desprezar, julgar ou caluniar quem quer que seja.

Ame todo mundo por Deus. Não deseje enganar ninguém com palavras ou ações. Não tenha rancor ou desejo de vingança. Seja doce e boa, não discutindo por qualquer motivo. Pelo contrário, esteja sempre pronta a ceder.

É muito melhor, de fato, se manter na virtude do que ceder ao orgulho, à discórdia e à vontade própria.

Evite todo fingimento que lhe dê a aparência de santidade. Seja, ao contrário, sempre verdadeira em suas palavras e em suas ações, detestando tudo o que é vicioso em você e permanecendo atenta em se corrigir o quanto for possível.

Cuide também para instruir com suas palavras aqueles com quem você vive e, mais ainda, com suas boas ações.

Se acontecer de alguém agir ou falar mal de você, perdoe imediatamente em seu coração, mesmo que ele não deseje e nem lhe peça o perdão e mostre-se tão boa e com um rosto alegre que ele tenha que se envergonhar

perante Deus e perante você e fique apaziguado em seu coração.

Se lhe acontecer de causar um dano a alguém ou de falar mal de alguém, peça imediatamente o perdão e caia aos seus pés, se você puder assim amansá-lo e ganhar sua amizade.

Seja, por fim, sempre graciosa, alegre e complacente para com aqueles com quem você viver, fugindo das particularidades e permanecendo como todo mundo, pronta para fazer o que lhe pedirem.

São todas estas coisas que você acaba de ler que Deus deseja de você.

CAPÍTULO 08

A maneira de evitar a gula e outra questão.

Quando você for ao refeitório com suas irmãs, recite seu *Benedicte* segundo seu costume. Depois, evite comer em excesso, mesmo que você sinta uma grande fome e um grande desejo de beber e comer, pois a gula é a raiz e a fonte de todos os pecados. É dela que nascem a preguiça e a inclinação às impurezas. Dela também vem, às vezes,

ações culposas e, na sequência, um grande número de vícios.

Adão, nosso primeiro pai, não sofreu a fome. No entanto, ele foi tentado pela gula e transgrediu o mandamento do Senhor, caindo, assim, em pecado mortal e nos arrastando todos com ele.

Cristo, o Filho de Deus, teve, pelo contrário, fome e ele foi, assim, tentado, mas foi vitorioso sobre o inimigo, dizendo, para nosso ensinamento: *Nem só de pão vive o ser humano, mas de toda palavra que procede da boca de Deus*[14].

Você sabe bem que o ser humano é composto de dois elementos: um espiritual e outro corpóreo. Ou seja, de uma alma e de um corpo. O alimento corpóreo é para o corpo e o alimento espiritual é para a alma.

A fome que o corpo sente é algo que passa e o alimento que a apazigua é imperfeito, pois esta vida é perecível. Mas a fome espiritual é a caridade, o amor a Deus. Seu alimento é a vida e essa vida consiste na união a Deus, que dá felicidade e glória.

[14] Deuteronômio 8: 3 e Mateus 4: 4.

O alimento corpóreo é preparado por nós mesmos ou por outros. Mas o alimento espiritual é Deus quem nos preparou desde a eternidade.

A fome espiritual sempre encontra um alimento eterno que lhe é preparado, enquanto que o corpo pode sentir a fome e, muitas vezes, só ter pobreza e grande necessidade.

Desta forma então, aquele que tem fome e sede segundo o espírito recebe sempre de Deus seu alimento e vive em graça perante Deus. Mas aquele que tem somente fome em seu corpo está morto perante Deus, pois sua vida não é diferente da dos animais.

Assim, cada vez que você toma o que é necessário ao seu corpo, eleve seu coração para Deus e sente-se à mesa com Cristo, os anjos e os santos, em companhia das suas irmãs, pegando como que da mão de Deus o que lhe for servido. Desta maneira, você será alimentada segundo seu ser interior, com um alimento eterno que manterá em você a vida de Deus.

Morra para o mundo e viva para Deus. Busque e desfrute das coisas do alto. Este é o alimento eterno que Cristo nos preparou. Não tenha preocupação com você mesma e tome o que é necessário ao seu corpo, segundo o

que foi provido por Deus. Não busque gosto ou prazer ou comodidade, mas contente-se com alimentos grosseiros e com o que os outros deixam, se é que você pode suportar.

Com discrição e sabedoria, meça segundo sua natureza e seu temperamento, o que lhe é necessário e, pelo contrário, o que você não pode deixar passar, pois, se você der ao seu corpo além das suas necessidades, você fortalecerá seu inimigo e se você lhe der muito pouco, você faz perecer o servidor que deveria ajudá-la a servir a Deus.

Veja os antigos Padres que viviam outrora no deserto. O pão deles era pesado e a água deles era medida, de tanto que eles valorizavam a abstinência e a privação e amavam se contentar com pouco. No entanto, eles se mostravam abertos e generosos para com aqueles que se aproximavam deles e para com todos os hóspedes que iam até eles.

Isto é o que se encontra também entre os fundadores de ordens que estabeleceram regras e que conformaram a elas suas próprias vidas, como Santo Agostinho, São Francisco e São Bento. Eles eram duros e austeros para com eles mesmos, sóbrios e comedidos, só tomando o que lhes era estritamente necessário. Mas eles eram,

para seus irmãos e para aqueles que se aproximavam deles, bons e compassivos, amplamente atentos a todas as necessidades deles.

Estes exemplos e estas máximas são encontradas também nos livros, mas poucos são encontradas nos corações e nem na prática, pois os abades e as abadessas, assim como os prelados da Santa Igreja, em qualquer estado da religião que eles pertençam, vivem, em sua maior parte, parece, no fausto e na busca do bem-estar físico, com uma casa grande e despensas enormes, como se pertencessem ao mundo.

Existe em quase todas as religiões e em quase todos os claustros, ricos e pobres, como no mundo. Os prelados, os monges e as monjas, as irmãs e os irmãos e todos aqueles que, na religião, possuem bens, se fecham entre eles e comem e bebem à vontade. Devem lhes perguntar à noite o que querem para o dia seguinte e como é preciso prepará-los.

Eu não falo, aliás, daqueles que são doentes, enfermos, idosos ou de saúde tão delicada que não podem suportar os alimentos grosseiros. Mas tenho em vista todos aqueles que vivem segundo a carne, que buscam a eles mesmos e seu próprio bem-estar, de uma maneira des-

controlada. São todos duros e sem misericórdia, avarentos e pouco pródigos consigo mesmos, assim como com o que têm ou podem adquirir.

Eles se parecem, realmente, com o rico mencionado por Nosso Senhor no Evangelho de São Lucas[15], que se vestia com púrpura e linho, que comia e bebia esplendidamente todo dia, mas que não dava nada a ninguém, nem mesmo ao pobre Lázaro que jazia diante de sua porta.

Veja, da mesma forma, o pobre convento sentado no refeitório diante das portas do rico. Não é dado a ele nada mais do que o necessário. Suas queixas chegariam até o céu e não lhe dariam nem um ovo, nem a metade de um arenque além da sua ração normal.

No entanto, essa pobre gente deve jejuar no tempo exigido e suportar o fardo do canto e das leituras noite e dia. Mas, se eles são obedientes e pacientes e se perseveram em sua ordem e sob sua regra até a morte, eles serão levados pelos anjos, como Lázaro, até junto a Abraão.

Quanto aos ricos avarentos, que se apropriam do bem comum e se aproveitam deles para viverem segundo seus gostos e seus desejos sensoriais, eles serão sepulta-

[15] Cf. Lucas 16: 19-31.

dos com o rico no fundo do inferno e, no meio das chamas, eles implorarão que umedeçam suas línguas com uma gota de água, mas jamais eles poderão obter isto.

Você mesma então deve ser sóbria, comedida, amar a temperança, permanecer silenciosa e satisfeita com o que tem para comer e beber. Depois, erga para Deus seu coração, enquanto toma sua refeição.

Depois então, você dará suas graças com suas irmãs, segundo o costume e você agradecerá e louvará Deus por todos os seus bens. Você rezará também por aqueles por quem eles chegam até você e pedirá, por fim, a Deus, que a perdoe se acaso lhe faltou discernimento ao tomar muito ou muito pouco e que ele lhe tenha misericórdia.

CAPÍTULO 09

Como se deve se apresentar no parlatório.

Quando lhe for pedido ou você for chamada à grelha, se você for de bom grado e com um coração alegre, você deve se entristecer, pois isto é prova de que você vive mais segundo a carne do que segundo o espírito, mais para o mundo do que para Deus e que lhe falta ainda o primeiro elemento que constitui sua clausura.

Não vá à grelha muito bem ornamentada em seu hábito e nem, todavia, muito negligente, mas mantenha um justo meio termo. Quando você se apresentar, mantenha os olhos baixos e não fixe o rosto de ninguém. Não se deixe fixar por ninguém, se lhe for possível evitar e fuja sobretudo dos olhares dos homens.

Saúde simplesmente aqueles que venham até você, com poucas palavras. Depois, se for gente da Igreja, peça-lhes que digam algo de bom e que possa lhe beneficiar e lhe ensinar a permanecer fiel aos seus votos e à sua clausura até o fim da sua vida.

Se eles forem do século, tome cuidado com suas palavras, para que eles não encontrem nada nelas para repreender e não se escandalizem e esteja a uma distância tal da grelha que aqueles que venham lhe ver possam ouvir suas palavras e você as deles.

Não coloque nenhuma questão sobre seus próximos, nem sobre seus amigos e nem sobre nada que diga respeito ao mundo. Se lhe perguntarem alguma coisa que você saiba, responda brevemente e tão claramente quanto possível. Mas, se você ignorar, não se envergonhe de confessar.

Desejam ouvir de você algumas boas palavras, então censure abertamente o pecado da melhor maneira que você puder e louve a virtude e a justiça. Fale do medo do inferno, mas também da confiança na misericórdia de Deus. Mostre tudo o que há de pavoroso e de horrível nos demônios e nas penas do inferno e, por outro lado, o que são a glória e a felicidade dos anjos e dos santos com Deus na felicidade eterna. Assim, você deve falar acrescentando exemplos apropriados às suas palavras e, desta maneira, se é corrigido, ensinado, atemorizado e consolado segundo a necessidade de cada um.

Não peça e nem solicite nada de ninguém. Da mesma forma, não dê e nem pegue nada sem a permissão da sua superiora.

Por fim, deixe o mais cedo possível que você puder a preocupação com todas as pessoas, com todas as palavras e com tudo o que diz respeito a eles, depois, retorne à sua solidão com Deus, pois, se você for com prazer ao parlatório e se você preferir se dissipar no exterior a viver no interior, se você amar dizer e ouvir coisas vãs e as novidades que vem do mundo, lhe é então impossível ser iluminada interiormente, mas as trevas e a gravidade lhe invadirão cada dia mais e mesmo quando você tiver des-

frutado, pela graça íntima ou como fruto da virtude, algum dom excelente de Deus, mesmo isto você perderá. Você estará interiormente toda desprovida e estéril em virtudes, instável e com o coração dividido. Você estará sem prazer e consolação divinos, sem aplicação e sem devoção em suas preces, cheia de imaginações e repleta de pensamentos extravagantes e, enfim, sobrecarregada com inúmeros defeitos.

Assim, eu observei em Santa Clara, a primeira da sua ordem, que ela estava enclausurada por sete clausuras. Ela se tornou, assim, bem clara e brilhante e ornamentada com todas as virtudes. Ela levou uma vida santa e bem-aventurada, até chegar à glória de Deus.

Considere agora com cuidado essas clausuras. Vou enumerá-las e as ensinarei, caso você mesma queira entrar nelas.

Ora, ninguém além do Espírito Santo pode dar acesso às sete clausuras e ninguém entra nelas se não ama Deus.

CAPÍTULO 10

A primeira clausura.

Na primeira clausura, enclausura-se fisicamente, sob a ação da graça de Deus, com toda a liberdade da vontade. Isto foi o que você fez quando, por amor, se propôs e prometeu a Deus permanecer, pelo tempo que viver, no lugar onde você está, devotada, de uma maneira imutável, ao serviço de Nosso Senhor.

Esta é a primeira clausura, onde se encerra realmente, sob a ação da graça e do amor, com uma vontade livre, pois o amor escolhe livremente. Esta é a verdadeira clausura onde se enclausura o corpo.

CAPÍTULO 11

A segunda clausura.

Em seguida vem a segunda clausura. Ela consiste em fazer entrar o que, em você, é exterior e sensorial, na clausura do seu ser interior e racional, de sorte que a parte sensorial seja submetida à razão, assim como uma serva à sua senhora.

A razão será então sua clausura e sua cela. Nela, você habitará e a estabelecerá solidamente, ornamentando-a com a caridade, as santas práticas e todas as virtudes, segundo o corpo e segundo o espírito.

Essa cela tem cinco portas, que são os cinco sentidos, cuja guarda e defesa Deus confiou à razão, contra todos os tipos de inimigos e mesmo que os cinco sentidos pertençam ao ser exterior, por direito de natureza, ele é, no entanto, incapaz de governá-los, pois ele mesmo é tolo e insensato e vive de acordo com seus sentidos.

Por isto, ele deve, com tudo o que lhe pertence, servir ao ser interior, pois, assim que ele sai, por uma das cinco portas, sem a permissão e o controle da razão, ele sempre peca, se ele segue a satisfação e o atrativo de sua natureza.

A razão deve então fazê-lo reentrar, repreendê-lo e castigá-lo, fustigá-lo e discipliná-lo, segundo o tamanho do seu malfeito, pois, se ele permanecer fora por tempo suficiente para ser tomado pela afeição ou a satisfação, ele arrastaria com ele o ser interior para o mesmo cativeiro e assim, ambos apostatariam e perderiam toda sabedoria, abandonando seu claustro e sua cela nas mãos dos inimigos que neles entrariam e possuiriam o lugar. É desta forma que Deus é expulso da alma com todas as virtudes.

Guarde então sua clausura, pratique a virtude e permaneça de bom grado no interior. Assim, você poderá derrotar tudo o que a ameaçar.

CAPÍTULO 12

A terceira clausura.

Há uma terceira clausura que está sempre aberta e pronta para acolher todos aqueles que a quiserem. Essa clausura não é outra coisa além da graça e o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas nela só se pode entrar e permanecer através de um interior retorno do amor e é por isto que devemos romper todo laço e quebrar todo entrave, nos elevarmos acima de todas as coisas e rejeitarmos todo cuidado, toda inquietude e preocupação do coração, assim como todo amor não controlado.

É assim que nos despimos e despojamos do velho ser com suas obras e vestimos o novo, que é Jesus Cristo. Por sua vez, ele nos reveste com ele mesmo e com sua vida, com sua graça e com seu amor e possuímos assim sua veste de alegria e de amor, vivemos nele e ele em nós.

Esta é a terceira clausura, que dá à nossa força afetiva seu mais alto ornamento. O mandamento de Nosso

Senhor é, de fato, que amemos com todo nosso coração, com toda nossa alma e com toda nossa força afetiva. Ora, quando o Bem-amado está unido à sua bem-amada, em uma clausura de amor, isto é um amor consumado.

CAPÍTULO 13

A quarta clausura.

O amor afetivo, praticado por Deus, nos dá acesso à quarta clausura, onde remetemos, por amor, nossa vontade e tudo o que nos é próprio, à livre vontade de Deus, de maneira que não possamos e nem desejemos querer nada diferente do que Deus quer.

Desta maneira, nossa vontade é livremente presa e enclausurada, por amor, na vontade de Deus, sem retorno e assim, fazemos profissão a Deus, na ordem da verdadeira santidade, de qualquer hábito que carreguemos ou em qualquer estado que estejamos.

Mas, pelo tempo que preferimos uma certeza à confiança que se repousa em Deus e que nossa vontade não está unidade à dele, seja por querer ou não querer; pelo tempo que desejamos que ele siga nossa vontade, invés de nós a dele, não podemos fazer inteiramente uma profis-

são no amor, mas devemos permanecer noviços, pois o fogo do amor de Deus ainda não ardeu e nem consumiu a liga que está misturada ao ouro, ou seja, toda busca do amor-próprio que faz com que busquemos e procuremos nós mesmos.

Quando então o amor em nós se tornou suficientemente forte e suficientemente ardente para consumir todo prazer ou desprazer, todo medo de perda pessoal e toda esperança de ganho próprio, toda busca, enfim e procura de nós mesmos, então assim nosso amor é puro, casto e perfeito e ele se assemelha a um anel de ouro que seria mais amplo que o céu, a terra e todas as coisas.

Este é o verdadeiro celeiro onde o amor introduz os eleitos, como aprendemos em seu livro[16]. A caridade nele está ordenada, assim como toda virtude.

Lá estão também a raiz, a vida, o crescimento, o alimento e a conservação das diferentes virtudes, a regra dos costumes e todas as boas obras.

No entanto, há um celeiro mais íntimo, onde o amor permanece com seu Bem-amado acima da razão, os modos e as práticas das virtudes. Nele, só se ocupa com o amar e ele basta a ele mesmo, segundo todos os seus de-

[16] Cântico 2: 4. *Ele* (o meu amado) *introduz-me num celeiro e organiza em mim o amor*.

sejos, pois ele não busca nada e não deseja nada fora dele mesmo.

Ao se elevar para Deus, ele se inebria e se despoja dos modos e das maneiras. Por isto, ele nos faz nos perdermos acima da razão, em uma ausência de processos e um não saber sem fundo. Lá, permanecemos cativos sem retorno.

CAPÍTULO 14

A quinta clausura.

Esta é a nossa quinta clausura, onde nosso intelecto nu é elevado e estabelecido, enquanto ele olha fixamente e contempla, com uma visão simples, na luz divina.

Todos aqueles que o amor conduz até lá são os eleitos de Deus, pois lá eles encontram uma vida contemplativa elevada a um amor eterno. A vida racional que eles carregam com eles é preenchida com graça, caridade e santas práticas. Por fim, na parte inferior deles mesmos, eles têm uma vida sensorial plenamente submissa aos mandamentos de Deus, com costumes honestos e a prática das boas obras exteriores aos olhos de todos.

Quando estas três vidas são possuídas e praticadas como uma só vida, com cada um em sua esfera, a pessoa se torna perfeita, pois, acima dela mesma, ela está unida a Deus, em um amor puro na luz divina.

Nela mesma, ela possui a semelhança com Deus, pela graça e o conjunto ordenado das virtudes. Por fim, na parte inferior, ela recebe a semelhança com a humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, através da penitência e o desprezo pela carne e pelo sangue, assim como a toda tendência desordenada de sua própria natureza.

Mas hoje em dia são encontradas outras pessoas que acham que são perfeitas[17] e que, no entanto, diferem totalmente das precedentes. São aqueles que, por meio de um tipo de vazio, de despojamento interior e libertação de imagens, acreditam ter descoberto uma maneira de serem sem modo e se fixarem nisto sem o amor de Deus.

Assim, eles pensam ser eles mesmos Deus, pois são sem amor, sem forma, sem imagens, sem conhecimento e estranhos a toda virtude.

[17] Ruysbroeck faz novamente alusão à seita dos "espíritos livres", que já foram citados. Ele certamente teve, em Bruxelas, oportunidade de combater a famosa Blommardine, que se tornou a líder do grupo em meados do século XIV. O panteísmo místico professado pela seita é aqui descrito, ao mesmo tempo que a tendência revolucionária que se encontra sempre nos heréticos de todos os tempos.

Quanto aos sacramentos e às práticas da Santa Igreja __ os jejuns, as vigílias, as preces, os cânticos e as leituras, como também as ordens religiosas e suas regras, as Santas Escrituras e tudo o que os santos praticaram desde o início do mundo __ tudo isto eles consideram como coisa pouca e de nenhum valor, pois eles estão elevados a um estado de não saber e de ausência de modos, ao qual eles se apegam e eles consideram este ser sem modos como Deus e como eles não amam Deus e possuem o repouso no ser sem modos, eles imaginam que na eternidade desaparecerá toda hierarquia de vida e de recompensa e toda distinção e que lá só permanecerá um só ser essencial eterno, sem distinção pessoal entre Deus e as criaturas.

Isto é mesmo a impiedade mais insensata e a mais perversa que jamais existiu entre os pagãos, os judeus ou os cristãos.

É por isto que eu desejo que você permaneça sempre elevada em sua quinta clausura, nela contemplando, amando, olhando, buscando seu Deus, de sorte que seu espírito se aniquile e venha a desfalecer no amor, para se tornar, ele mesmo, amor no amor, um espírito e uma vida com Deus e isto é a sua sexta clausura.

CAPÍTULO 15

A sexta clausura.

De fato, assim como o ser humano foi criado no sexto dia em sua natureza, à imagem e semelhança de Deus, da mesma forma, ele é criado também novamente na sexta clausura, onde ele recebe a imagem e a semelhança de Deus, acima de sua natureza, em união de amor, de maneira a ser com Deus um só espírito e uma só vida.

Isto foi o que fez São João dizer: "Tudo o que foi criado era vida em Deus"[18], pois, em nosso princípio, ou seja, na natureza fecunda do nosso Pai celeste, temos vida sem sermos manifestados e nem gerados. No Filho, somos gerados e desde toda a eternidade, conhecidos e eleitos e, na efusão do Espírito Santo, somos eternamente amados. Isto é o que devemos entender de bom grado.

Nossa geração no Filho dura sempre e incessantemente somos gerados com ele, assim como também eternamente permanecemos não gerados no Pai.

Da mesma forma, o laço e a união do amor permanecem sempre entre o Pai e o Filho e, no entanto, a gera-

[18] Cf. João 1: 3 e 4. *Tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito. Nele havia a vida e a vida era a luz dos seres humanos.*

ção do Filho e a emanação do Espírito Santo se renovam incessantemente na sublime natureza de Deus, pois a natureza é fecunda, ela é uma pura atividade na Trindade das Pessoas.

Da mesma forma, Deus reina e vive em nós e nós nele, acima do nosso ser de criaturas, na união de espírito. Lá, permaneceremos sempre unidos a Deus através do laço de amor. No entanto, devemos nos renovar incessantemente em virtudes e em semelhança maior com Deus, pois não somos feitos somente à imagem de Deus, mas também à sua semelhança.

É por isto que lá, onde acontece nossa união com Deus, existe um toque oculto ou impulso, ou seja, a fonte das graças divinas que iluminam nosso intelecto para fazê-lo conhecer clara e distintamente a verdade e que inflamam nossa vontade de amor para fazê-la desejar toda justiça.

Ora, pelo tempo que o amor e o desejo estão submetidos à razão iluminada, podemos fazer grandes obras e ornamentar todas as nossas clausuras com virtudes e santas práticas.

Mas quando o amor e o desejo se tornam ardentes e impacientes, sob a ação do toque divino na união do a-

mor, então a razão deve se retirar e deixar agir o amor, pelo tempo que durar seu ardor.

Desta forma então, devemos nos assemelhar a Deus por meio da graça e da virtude em nós mesmos e estaremos unidos a ele por uma contemplação e um olhar contínuo de nosso espírito elevado para ele. La se consuma a sexta clausura, onde nosso espírito se encontra elevado a uma vida contemplativa e se torna uma só vida, um só espírito e um só amor com Deus.

CAPÍTULO 16

A sétima clausura[19].

Em seguida vem a sétima clausura, que ultrapassa todas as outras e que consiste em um repouso apaziguado e inativo acima de todas as nossas obras. Esta é uma simples beatitude além de toda santa vida e prática de virtudes, uma eterna suficiência que sacia toda fome e sede, todo amor e todo ardor para com Deus.

Assim como, de fato, o Senhor fez o céu e a terra, os anjos e as pessoas em seis dias e que ordenou e embele-

[19] Os cap. 16, 17, 18 e 19, em parte, são, na realidade, apenas uma preparação para a sétima clausura, que só começa mesmo no meio do cap. 19: *Mas, além de todos os modos...*

zou todas as coisas e depois, no sétimo dia, repousou de todas as suas obras, assim também devemos trabalhar durante seis dias e no sétimo, repousar e festejar[20].

Ora, a sexta era, desde o início do mundo é a época em que vivemos. Quando vier nossa morte, se tivermos trabalhado bem, então começará a época do eterno repouso.

CAPÍTULO 17

As três vidas da pessoa justa.

A pessoa justa possui três vidas, sendo que duas são defeituosas e imperfeitas e a terceira é perfeita.

A vida inferior é corpórea e sensorial. Ela sofre a fome e a sede e ela deve ser mantida e alimentada. Assim, enquanto a fome e a sede, o gosto e o apetite permanecem, o corpo recebe sua força e sua alimentação.

Mas quando a saciedade vem, se queremos ingerir mais antes de termos digerido o resto, prejudicamos a saúde, pois a fome e a saciedade não podem permanecer

[20] Por este repouso do sétimo dia, Ruysbroeck quer se referir, por um lado, a beatitude eterna, que é para todos os eleitos. Mas também, por outro lado, uma contemplação muito elevada, reservada a alguns na terra e que é o objeto da sétima clausura, assim como a 3ª. das *Núpcias espirituais*.

juntas em um corpo em saúde. Desta forma então, a pessoa, na parte inferior dela mesma, é sem nobreza, enferma e condenada à morte.

A vida mediana em nós é espiritual e, em toda pessoa justa, ela é conforme a razão[21]. Ela aspira à ciência e à sabedoria, à devoção e ao fervor, à caridade e à correção, enfim, a todas as virtudes e, quanto mais desejamos, mais adquirimos sabedoria, como também, quanto mais possuímos sabedoria, mais desejamos sempre tê-la.

Assim, esta vida é imperfeita nela mesma, porque lhe falta sempre alguma coisa e seus desejos não podem ser satisfeitos por nada menos do que o próprio Deus.

Foi por isto que Deus nos deu uma vida acima de nós mesmos, ou seja, uma vida divina, que não é outra coisa além de contemplar e olhar Deus assiduamente, aderir a ele com um amor puro, desfrutar, usufruir e se fundir de amor, renovando incessantemente este próprio ato, pois, quando somos elevados acima da razão e acima de todas as nossas obras, a uma visão simples, passamos então sob a ação do Espírito do Senhor. Uma influência

[21] A expressão "conforme a razão" corresponde à expressão de São Tomás de Aquino: *secundum rationem esse*, que significa o papel de direção que desempenha a virtude da prudência sobre todas as virtudes morais. Estamos então aqui em plena vida sobrenatural e quando Ruysbroeck diz, um pouco a frente, que esta vida é imperfeita, devemos entender no sentido de que a prudência nos levará sempre a fazê-la crescer.

íntima de Deus se apodera de nós, uma luz divina nos ilumina e que é comparável àquela que o sol ilumina os ares. Por fim, como o ferro é penetrado pela força e o calor do fogo, assim também somos penetrados, transformados, de claridade em claridade, na imagem mesma da Santa Trindade[22].

Esta é, de fato, a luz criada da graça divina que nos eleva e nos ilumina, de maneira a nos fazer contemplar a luz incriada que é o próprio Deus e assim, por meio do amor, somos levados intimamente e modelados novamente em nossa imagem eterna que é Deus.

É lá que o Pai nos encontra e nos ama no Filho e que o Filho também nos encontra e nos ama, com o mesmo amor, no Pai. Por fim, o Pai e o Filho nos mantém abraçados na união do Espírito Santo, em um bem-aventurado prazer que irá incessantemente se renovando durante toda a eternidade, segundo o conhecimento e o amor, com o Filho nascendo eternamente do Pai e o Espírito Santo emanando sempre de um e de outro, pois, se conhecer e amar viessem a desaparecer em Deus, no mesmo ato desapareceriam o nascimento eterno do Filho e a emanação do Espírito Santo. A partir de então, não

[22] Cf. *O livro da mais alta verdade*, cap. 08.

haveria mais Trindade de Pessoas, nem Deus ou criatura, o que é, ao mesmo tempo, impossível e uma loucura intolerável ao pensamento.

Deus, pelo contrário, não fez nada mais belo e nem mais nobre, no céu e na terra, do que a ordem e a distinção que reinam entre todas as criaturas, pois, mesmo que estejamos todos reunidos em um só amor, em um só abraço e um só desfrute de Deus, todavia, cada um conserva sua vida e seu estado próprio em graça e em virtudes. Cada um recebe de Deus graças e dons, segundo seu mérito e segundo sua semelhança a ele, através de suas virtudes. Da mesma forma também, cada um se apega e adere a Deus mais ou menos, segundo a fome, a sede e o ardor que tem por ele.

É segundo esta medida que ele pode sentir Deus, desfrutá-lo e usufruir dele, pois Deus é o alimento e o bem de todos e cada um o desfruta segundo a excelência de sua vida, de seus desejos e da sua saúde espiritual e, assim como as estrelas do céu se distinguem em claridade, em altura, em grandeza e em poder de influência sobre todas as criaturas que estão aqui em baixo, da mesma forma, entre todos aqueles que amam Deus há distinção segundo a claridade do intelecto, a altura da vida, a gran-

deza do amor e a influência poderosa que espalha ao redor deles.

Você vê, às vezes, no verão, se levantar no ar, dois ventos impetuosos que correm em assalto um ao outro. Depois, vem o trovão e os relâmpagos, o granizo ou a chuva; às vezes mesmo, a tempestade desastrosa.

Ora, pode-se observar algo semelhante no amor impetuoso e violento que eleva o espírito da pessoa até a união com o Espírito do Senhor. O amor coloca em contato um e outro e há entre eles um mútuo convite e uma oferenda de todo seu ser e de todo seu poder.

A razão então se ilumina e se clareia, ela quer saber para sempre o que é o amor e conhecer este contato que emociona o espírito e o faz ferver, enquanto que o desejo se inflama e se esforça para experimentar e saborear tudo o que a razão iluminada pode penetrar. Daí surgem, no espírito, uma tempestade de amor e uma grande impaciência.

No entanto, o espírito amoroso percebe bem que, quanto mais ele recebe, mais ele quer receber, mais a tempestade e o ardor do amor que se elevam nele, ardentes e fervilhantes, não podem ser apaziguados e o contato

mútuo, incessantemente renovado, levanta uma nova tempestade de amor.

São como trovoadas e o fogo do amor jorra semelhante a centelhas de metal em fusão e aos relâmpagos inflamados do céu. O relâmpago desce até às forças sensíveis e tudo o que vive na pessoa tende a se elevar até a união, lá onde surge o contato do amor.

Ora, nesse contato, as forças não podem operar e nem permanecer em repouso, mas elas recaem incessantemente nelas mesmas, sem poder, no entanto, permanecer lá, já que a tempestade e a impetuosidade do espírito as forçam a se elevar e se colocar em movimento e assim, elas devem sempre ir e voltar.

CAPÍTULO 18

Quatro tipos de vida espiritual[23].

Um ensinamento nos é dado pelo profeta Ezequiel, quando ele fala de quatro animais misteriosos: *Os seres*

[23] Haverá aqui apenas uma explicação do cap. 17, destinada a introduzir o quarto tipo de vida espiritual.

ziguezagueavam como o raio[24], pois este símbolo dos quatro animais que *ziguezagueavam* representa os quatro tipos de vida espiritual, em que se praticam todo amor e todas as virtudes.

O primeiro tipo é a força espiritual que imola e derrota tudo o que é inimigo de Deus e das virtudes. É por isto que ela é representada pelo leão, o rei dos animais selvagens.

O segundo consiste em ter o coração amplamente aberto, para prestar incessantemente honras a Deus. A alma e o corpo, o coração e os sentidos, com tudo o que é derrotado e imolado pela força espiritual, são aqui oferecidos a Deus e inteiramente consumidos com devoção e reverência.

Assim, este segundo tipo é representado pelo boi ou o touro, que, segundo a lei judaica, eram oferecidos em holocausto para louvor a Deus.

O terceiro tipo é uma sábia discrição que ordena todas as coisas com discernimento, perante a vida eterna, seja para agir ou se abster, para dar ou para receber, exte-

[24] Ezequiel 1: 14. Ruysbroeck dá aqui uma explicação familiar aos escritores da Idade Média e que reencontraremos no *Livro do tabernáculo espiritual*, cap. 117.

riormente ou interiormente. Ele tem por símbolo a figura de um ser humano, que é um animal racional.

O quarto tipo é feito da intenção correta e do amor para com Deus. Ele é representado pela águia, que tem pouca carne e muita pluma, pois, da mesma forma, aquele que ama Deus e o busca considera como pouca coisa a carne e o sangue e tudo o que é perecível

Mas ele tem também muitas plumas. São as práticas celestes que, bem leves, elevam até Deus. Da mesma forma também como a águia voa acima de todos os pássaros, assim também a intenção correta e o amor pairam acima de todas as virtudes e vão até Àquele que é buscado e amado.

Por fim, a águia possui uma visão aguçada e sutil que lhe permite fixar a própria claridade do sol sem se desviar. Da mesma forma, aquele que busca Deus e que o ama fixa os raios do Sol Eterno sem recuar jamais, pois ele ama Deus e também todas as virtudes que ornamentam a alma e podem levar até Deus. Assim, ele está bem orientado e voa reto para o meio do seu amor, para redescer incessantemente para a prática das virtudes e das boas obras e, desta maneira, ele vai e volta como o relâmpago no céu, pois ir e vir é sua vida e seu alimento.

Assim faz a águia, quando, do mais alto do seu voo, percebendo no mar os peixinhos que são seu alimento, ela se eleva para tornar a descer, praticando um e outro, para se alimentar e se satisfazer.

Assim são os símbolos dos quatro animais com os quatro tipos de vida espiritual em que Deus reina e em que todas as virtudes são praticadas.

CAPÍTULO 19

Aonde leva a prática dos quatro tipos de vida.

Se você quiser praticar estes quatro tipos de vida[25] com uma grande devoção, você experimentará, no fundo da sua força amorosa, o toque do Espírito Santo, que se parece com uma fonte viva de onde sobem e se espalham as águas da eterna doçura.

Você conhecerá também na sua força intelectual a clara irradiação do Sol Eterno, Nosso Senhor Jesus Cristo, todo resplandecente com a verdade divina. Então, o

[25] Quando o autor fala aqui em praticar estes quatro tipos de vida enumerados no cap. 18, ele parece ter em vista, sobretudo, o quarto tipo, que encerra a série dos processos humanos. Depois disto vêm os processos divinos, que são o objeto do cap. 19. Cf. acima o cap. 03 e *A ornamentação das núpcias espirituais*, livro II, cap. 51 e 54.

Pai celeste despojará sua memória de toda imagem e ele a chamará, a convidará e a atrairá até sua altíssima unidade[26].

Observe que há, assim, três portas celestes abertas por Deus à alma amorosa e que dão acesso aos seus tesouros e a alma abre todas as suas forças para dar a Deus tudo o que ela é e receber tudo o que ele mesmo é, mas isto ultrapassa seu poder, pois, quanto mais ela dá e recebe, mais ela deseja dar e receber, mas ela não pode se dar inteiramente a Deus e nem recebê-lo plenamente, pois tudo o que ela recebe, comparado com o que lhe faz falta, lhe parece pouca coisa e como que nada.

Ela sente então a impetuosidade, a impaciência e o grande ardor, não podendo passar sem Deus e nem obtê-lo, nem descer às suas profundezas e nem subir ao seu cume, nem encerrá-lo e nem abandoná-lo.

Isto é a tempestade e o furacão espirituais que eu mencionei acima, mas traduzir esses movimentos impetuosos e essas grandes agitações que nascem de uma parte a outra do amor, nenhuma língua bastaria, pois o amor, uma hora aquece o coração humano e outra hora o resfria, uma hora o intimida e outra hora o exalta. Ele lhe

[26] Cf. *A ornamentação das núpcias espirituais*. Livro II, cap. 35.

dá a alegria e depois a tristeza, ele a fez temer, esperar, desesperar, chorar, se queixar, cantar, louvar e praticar mil outras coisas.

Esta é a sorte daqueles que vivem no transporte do amor e, no entanto, esta vida é a mais íntima e a mais benéfica que a pessoa pode levar, ao se servir dos seus meios.

Mas, quando os processos humanos fazem falta e não podem mais nada, então também começa o processo divino[27].

Quando então, com a intenção correta, com o amor e com desejos insaciáveis, a pessoa se apega a Deus, sem poder, no entanto, chegar à união, por sua vez, o Espírito do Senhor intervém como um fogo violento que arde, que consome e devora tudo nele, de sorte que a pessoa se esquece dela mesma com todas as suas práticas e não se sente mais como se fosse um só espírito e um só amor com Deus.

Aqui, os sentidos e todas as suas forças se calam, eles são apaziguados e saciados, pois a fonte da bondade e da riqueza de Deus inundou tudo e o dom ultrapassa tudo

[27] Para poder compreender o alcance de tudo isto, é preciso ler o cap. 29 de *O livro do reino dos amantes de Deus*.

o que se podia desejar. Este é o primeiro modo divino ao qual é elevado o espírito humano.

No segundo modo, que é apropriado ao Filho de Deus, o intelecto é por ele elevado acima da razão, acima de toda consideração e distinção. O intelecto despojado, nele é iluminado e totalmente penetrado pela luz divina, de sorte que ele pode olhar e contemplar, com uma visão simples, na luz de Deus, a claridade divina, a Verdade Eterna por ela mesma.

Em seguida vem o terceiro modo, que atribuímos ao nosso Pai celeste. Nele, a memória é despojada de formas e de imagens e ele eleva o pensamento purificado até sua origem, que é ele mesmo.

A pessoa é então unida, de uma maneira estável, ao seu princípio, que é Deus. Ela recebe, ao mesmo tempo, todo poder e liberdade de colocar em ação, tanto no exterior quanto no interior, todas as virtudes, ao mesmo tempo em que pode conhecer e discernir tudo o que se pratica conforme a razão.

Ela aprende, enfim, a suportar e a sustentar a ação íntima de Deus e esta transformação operada pelos processos divinos, que ultrapassam a razão, como vimos há pouco.

Mas, além de todos os modos divinos, há um conhecimento de visão interior sem modos que faz penetrar até a essência sem modos de Deus[28]. Essência sem modos porque ela não pode ser conhecida por meio de palavras, atos, modos, sinais e nem similitudes quaisquer. Mas ela se revela à visão simples do pensamento sem imagem.

Há mesmo alguns sinais e algumas comparações que podemos empregar, de passagem, para preparar a pessoa para ver o Reino de Deus[29]. Imagine, por exemplo, um braseiro com um fogo imenso, onde todas as coisas seriam devoradas por uma chama tranquila, ardente, imóvel. Assim se pode considerar o amor essencial em sua tranquilidade. É um prazer que pertence a Deus e a todos dos santos, além de todos os modos, de todas as obras e práticas de virtudes. É uma torrente tranquila e sem fundo de riquezas e de alegrias, onde todos os santos, com Deus, são engolidos em um prazer sem modos e este prazer é selvagem e deserto como um lugar perdido. Nele, não há modos, nem caminhos, nem trilhas, nem recuos, nem medida, nem fim, nem começo, nem nada que possa descrever ou expressar em palavras quaisquer.

---

[28] É aqui que começa realmente a sétima clausura, que corresponde aos dons de inteligência e de sabedoria de *O livro do reino dos amantes de Deus*.
[29] Cf. *O livro do reino dos amantes de Deus*, cap. 34.

Esta é a simples beatitude de nós todos, a essência divina e a nossa superessência, acima da razão e além de toda razão. Para experimentá-la, precisamos avançar, nisso mesmo, acima de nosso ser criado, no ponto eterno onde todas as nossas linhas começam e terminam, no ponto onde elas perdem seu nome e toda distinção, se tornando um com o próprio ponto e este um mesmo, que é o ponto, mas permanecendo sempre, no entanto, nelas mesmas, linhas que terminam[30].

Desta forma então, permaneceremos sempre o que somos em nossa essência criada e, no entanto, saindo de nós mesmos, iremos sempre desaparecer em nossa superessência. Nela, seremos sepultados eternamente, como em um abismo de altura, de profundidade, de largura e de comprimento sem retorno.

---

[30] O conhecimento da visão interior de que fala Ruysbroeck é o mais alto cume ao qual se pode chegar neste mundo. A ação comum das três divinas Pessoas leva até lá a alma amorosa, através de uma purificação sucessiva das forças inferiores. Essas purificações são chamadas pelo autor de "as três portas celestes que dão acesso aos tesouros de Deus". De lá, a alma é elevada até o santuário mais secreto, onde a essência mesma de Deus se revela por um processo extraordinário que ultrapassa o conhecimento natural que podemos ter das coisas criadas e do próprio Deus ou o conhecimento sobrenatural dado pela fé. Este é o conhecimento da visão interior sem modos e ele é tão elevado que só pode ser dado à alma por Deus diretamente. Se lhe apraz revelar alguma coisa desde esta vida, ele o faz elevando a alma até ele mesmo e lhe revelando coisas que ela não é capaz de traduzir depois. Mas a visão beatífica nos colocará de posse desse conhecimento face a face. É preciso notar a grande precisão que o autor coloca em falar da distinção eterna que existe entre o Criador e a criatura, mesmo elevada até Deus, escapando assim, uma vez mais, a toda acusação de panteísmo. A comparação do ponto e das linhas não é encontrada em nenhum outro lugar das obras de Ruysbroeck. Ela lembra uma passagem de *O paraíso*, de Dante, onde Deus é representado como ocupando o centro de uma circunferência, para o qual convergem todos os espíritos celestes. Cf. *Paraíso*, cap. 30 e 31.

Foi sobre isto que o profeta Ezequiel deu testemunho, ao falar dos quatro animais, que eles iam e não voltavam atrás[31]. É o mesmo lá onde todos os justos, unidos aos santos, desfrutam e repousam acima deles mesmos, sem modos. Lá não há mais olhar para trás e nem um retorno possível. Esta é nossa sétima clausura, onde são consumadas toda santidade e toda beatitude. Lá, devemos permanecer para sempre, simples e imóveis, acima do nosso ser criado.

No entanto, precisamos possuir as outras clausuras e embelezá-las com ordem pela prática das virtudes, tanto exteriores quanto interiores, segundo as quatro maneiras descritas acima e lá reina muita variedade, pois cada um se dedica a Deus e exercita em si mesmo as virtudes, segundo o dom e a luz que recebe e em proporção com seu amor e sua sabedoria.

Assim, cada um é possuído pela fome e pela sede, pelo prazer e o ardente desejo por Deus e todas as virtudes, mais ou menos, segundo seu grau de santidade e de beatitude e segundo seu mérito e seu valor. Mas, quanto à beatitude supraessencial que é o próprio Deus, em quem,

[31] Cf. Ezequiel 1: 12 e 14. *Cada qual caminhava para frente; iam para o lado aonde os impelia o espírito; não se voltavam quando iam andando. Os seres ziguezagueavam como o raio.*

acima de nós mesmos e na efusão do nosso ser, somos um, ela nos é comum a todos, transbordante além de toda medida e incompreensível a todas as nossas forças.

É ela que cada um conhece, ama e desfruta em si mesmo, mais ou menos, segundo as diferenças de santidade e de beatitude e esta é a ordem que reina nos anjos e nos santos, no céu e na terra. Ordem que Deus previu e predestinou eternamente e que deve permanecer para sempre.

Clamemos então todos, com todo coração: "Ó precipício imenso e sem limites! Descubra-nos vossos abismos e faça-nos conhecer vosso amor!"

Mesmo que estivéssemos feridos de morte, quando o amor nos abraça, ele nos cura.

CAPÍTULO 20

O hábito que é preciso usar.

Observe então cuidadosamente e examine em você mesma se você reconhece estas sete clausuras e se você está ornamentada e vestida com as virtudes que pertencem a elas, pois temo que, comumente, nas ordens religiosas e nos claustros, não se esteja mais preocupado e

mais desejoso de ornamentar e de vestir o corpo exteriormente, bem como a alma, no interior.

É por isto que eu lhe digo: não se preocupe com o hábito que você veste, mas seja, invés disto, indiferente a ele. Se ele é velho ou novo, grosseiro ou vulgar que possa ser, contente-se com aquele que lhe derem. Se seu corpo está abrigado do frio e protegido do calor, isto basta, se você quer viver segundo sua regra e permanecer fiel a Deus.

Evite então reclamar, pois, na origem das ordens religiosas, os santos sempre escolheram o tecido mais grosseiro e o mais vulgar que eles podiam encontrar na região onde habitavam e sempre sem tintura[32].

Hoje em dia, o diabo e as pessoas fúteis inventaram um novo truque: o que deveria ser negro naturalmente se torna marrom imitando o cilício. As roupas cinzas se tornam marrom misturado com azul, com verde e com vermelho.

Quanto ao branco, não se pode falsificá-lo e é preciso então que ele permaneça como tal. Mas, seja qual for a cor, tem-se o cuidado de escolher a melhor lã que se pode encontrar, seja qual for o estado a que se pertença e

[32] Cf. *A regra de São Bento*, cap. 55.

quando o tecido é preparado, não se sabe qual forma e qual corte lhe dar para mais agradar ao mundo e ao demônio.

Uma hora, ele é bem largo e bem amplo, que se poderia, com ele, fazer duas ou três vestes. Outra hora, ele é tão estreito que se poderia pensar que foi costurado sobre a pele.

Usam-se roupas curtas que só vão até os joelhos e amarradas na frente, como roupas de loucos.

Ou então, elas são tão longas que é preciso levantá-las bem alto, para não deixar que se arrastem na lama.

Você deve pensar bem que as coisas não foram estabelecidas assim no início. Assim, não há nada de regular e conforme ao estado religioso nesta escolha do tecido, da cor e da forma dos hábitos.

Que Deus dê sua sabedoria às pessoas que os mandam confeccionar assim ou usá-los assim!

Acrescenta-se ainda, a esta loucura que reina hoje em dia nos claustros, o uso de outro gênero de ornamento: são os cintos com lâminas de prata, das quais pendem, de cada lado, diversos enfeites que soam ao se agitarem, de sorte que a jovem ou a freira fazem soar tudo isto ao caminharem, como uma cabra ornamentada com sinos.

Quanto aos monges, eles montam à cavalo totalmente armados com longas espadas, como cavaleiros, mas, com relação ao demônio, ao mundo e a suas paixões e desejos maus e impuros, eles permanecem sem armas. Assim, eles são frequentemente derrotados.

Há jovens ou freiras que parecem externamente totalmente ornamentadas com o desejo de agradar ao mundo, mais do que a Deus e a saída delas é um veneno e uma peçonha muito agradável ao diabo e que elas beberão com ele eternamente nos antros impuros do inferno.

Além disto, é preciso agora que as religiosas ornamentem seus quartos com leitos suntuosos, tapetes, mantas luxuosas e almofadas, como se elas estivessem no mundo e tudo isto lhe permite julgar o quanto a observância que tinham estabelecido os santos fundadores de ordens esta arruinada hoje em dia por aqueles que vivem nela.

Estes são todos os maus exemplos que encontram as crianças que entram nos claustros e daí vem que desaparecem cada dia mais a disciplina religiosa e toda vida santa.

Eu lhe indiquei então como você deve passar um dia. Faça assim durante toda sua vida. Depois, examine ca-

da dia, em seus atos exteriores e interiores, se você mereceu seu salário cotidiano, pois você não pode enganar a Sabedoria de Deus e sua justiça a julgará equitativamente, segundo o estado em que você for encontrada no momento da sua morte.

Por isto, eu lhe aconselho que fique atenta e vigie-se bem. O tempo é curto e a morte vem rápido. Quando soar a hora em que sua alma exalará, você receberá a recompensa segundo sua obra e está tudo acabado.

CAPÍTULO 21

Três livrinhos para ler à noite.

Toda noite, quando você for se deitar, se você tiver tempo, releia estes três livrinhos que você deve sempre carregar com você. Um, que é velho, disforme e manchado, escrito com tinta preta. Outro, que é branco e gracioso, escrito em vermelho sangue. O terceiro, por fim, que é azul e verde e com todas as letras em ouro fino.

Primeiramente, é seu velho livro que é preciso ler. Ele representa sua vida de outrora, cheia de pecados e de defeitos, tanto em você como em todas as pessoas. Entre, por isto, em você mesma e abra o livro da sua consciên-

cia, que, no julgamento final, será colocado bem aberto diante de Deus e do mundo inteiro.

Depois, examine, pese e julgue você mesma, desde agora, para não ser condenada. Vasculhe sua consciência e veja como foi sua vida, no que você pôde falhar, seja em palavras, seja em ações, em desejos, em pensamentos, em reflexões, em temores vãos e desordenados, em esperanças enganosas, em satisfações ou sofrimentos injustificados, em instabilidade e mortificações de você mesma; em duplicidade e fingimento; em atos ou omissões culposas; no arrastar dos sentidos para fora ou no consentimento interior com a sensorialidade; na complacência sensorial e na busca de comodidades. Todas as coisas, enfim, que não são segundo a ordem, mas em oposição com a caridade, com os mandamentos, os conselhos e o bem querer de Deus.

Há tantas e tão variadas formas delas que ninguém pode conhecê-las, a não ser Deus. Elas degradam, desfiguram e mancham a face da alma, pois elas são escritas com tinta, ou seja, com a complacência da carne e do sangue e com os pendores terrenos.

Assim, com um grande arrependimento em você e jogando o rosto por terra, como o publicano, diante do

seu Pai eterno e diante de sua misericórdia eterna, você dirá, como o Profeta:

"Senhor, eu pequei! Tenha piedade de mim, pobre pecadora. Faça correr em meu coração a água das lágrimas e da contrição verdadeira, para que eu possa purificar, de suas máculas, a face da minha alma, antes de me levantar perante vossos olhos.

"Senhor, conceda-me vossa graça e vossa piedade, para me servir de ornamento e de claridade e que eu possa assim vos agradar.

"Senhor, dê-me a boa vontade e a perseverança, para me renovar incessantemente em vosso serviço e em vosso louvor".

Se você quiser ser ouvida, permaneça prostrada ao chão, bata em seu peito e faça ouvir seus gritos, suas súplicas e seus choros. Não levante os olhos, mas cheia de desprezo por você mesma, mantenha-se na humildade e no aniquilamento de tudo o que é de você, fazendo Deus se lembrar de sua misericórdia e não desista, até que tenha recebido dele uma resposta que dê paz e alegria perfeitas ao seu coração.

Assim, ele lhe retirará toda ansiedade e todo medo, toda hesitação e temor e tudo o que lhe desagrada em

você. Ele lhe dará a fé, a esperança e a confiança nele para todas as coisas, segundo o que você tiver necessidade, para o tempo e para a eternidade. Por fim, você desejará viver por ele e permanecer fiel a ele até a morte.

Depois disto, deposite este velho livro. Depois, coloque-se de joelhos para dar graças a Deus e louvá-lo e você fará sair da sua memória o livro branco que é escrito com letras vermelhas e que contém a vida inocentíssima de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Sua alma é sem mácula, cheia de todas as graças e vermelho do fogo do seu ardente amor. Seu corpo glorioso é de uma brancura sublime, mais brilhante do que o sol, no meio das contusões dos golpes e do sangue precioso com que ele está coberto. Estas são as letras vermelhas que nos mostram e atestam seu amor verdadeiro. Mas as cinco grandes chagas são as letras maiúsculas que estão no início dos capítulos deste livro.

Você lerá com grande compaixão as letras escritas assim em seu corpo venerável, mas é com uma grande devoção íntima que você precisa reviver o amor que está em seu coração.

Evite e fuja do mundo enganador, pois Cristo abriu seus braços e ele deseja retê-la e abraçá-la.

Faça sua morada nas aberturas das suas chagas, como a pomba faz a dela nos buracos da pedra.

Fixe sua boca no seu lado aberto, para respirar e saborear a doçura celeste que flui do seu coração.

Olhe seu campeão e seu herói e veja como ele foi golpeado por você até a morte. Ele derrotou seu inimigo e, com sua própria morte, ele imolou a morte dos seus pecados. Ele pagou sua dívida, a resgatou e adquiriu, com seu sangue, a herança do seu Pai. Depois, ele subiu, na nossa frente, para abrir a porta e nos preparar o lugar da eterna glória.

Isto deve ser um motivo de grande alegria para você e você deve gravar, em seu coração, o amor e a paixão do seu caro Senhor, de sorte que ele viva em você e você nele.

A partir de então, o mundo inteiro não passará de uma cruz e uma tristeza para você e você desejará morrer, para seguir seu bem-amado em seu Reino.

Assim é a leitura do livro branco.

Levante-se, por fim, bem reta e volte seus olhos para o céu. Abra a Deus seus pensamentos e contemple o terceiro livro, que é de cor azul e verde e com letras de ouro fino.

Com isto, se quer referir à vida celeste da eternidade, pois essa vida possui uma claridade azul, como o jacinto e essa claridade é tripla e ela está revestida de nuances verdes que a embelezam de mil maneiras.

A primeira claridade celeste é sensorial. Deus inundou de luz o céu superior, assim como o mundo inteiro é invadido e iluminado pela claridade do sol. É nesse céu que viveremos e reinaremos com Cristo, os anjos e os santos, em corpo e alma, com cada corpo revestido de luz segundo a extensão dos méritos e a menor claridade deles será sete vezes mais brilhante do que o sol, com o corpo permanecendo impassível e mais ágil do que o pensamento, mais leve do que o ar e mais sutil do que o raio do sol.

Nessa claridade do céu e na dos corpos gloriosos aparece a cor verde semelhante a da pedra chamada jaspe. Essa cor verde, nós a veremos com os olhos de nossos corpos e ela é formada por todas as boas obras exteriores que foram ou serão realizadas até o fim do mundo, de qualquer maneira que seja, pela morte, pela vida, pelo martírio, pela humildade, pela pureza, pela liberalidade, pela caridade, pelos jejuns, pelas vigílias, pelas preces,

pelas leituras, pelos cânticos, pelas penitências múltiplas e por todas as inúmeras obras virtuosas.

É esta cor verde que ornamentará os corpos gloriosos, mais ou menos segundo o esforço, os méritos e a dignidade de cada um.

A segunda claridade da vida eterna é espiritual. Ela enche e ilumina, no céu, com ciência e sabedoria, todos os olhos inteligentes, para lhes mostrar todas as virtudes interiores. Nessa claridade se mostra uma cor verde, como a da pedra chamada esmeralda. É como um verde esmeralda que ultrapassa em beleza e em claridade tudo o que se pode imaginar, cheia de graça para os olhos do intelecto.

Nela se vê, de fato, a beleza, os frutos e a variedade de todas as virtudes e ela é a mais bela e a mais graciosa cor do Reino do Céu. Mas, quanto mais a olharmos atentamente e examinarmos profundamente suas virtudes e seus frutos, mais ela é graciosa e bela de se ver. Nisto, ela se parece com a pedra preciosa que se chama esmeralda.

Quanto mais ela é talhada e cinzelada, mais ela rejubila os olhos. Desta maneira, cada santo aparece como que revestido da claridade e da cor verde da esmeralda, cheio de beleza, de graça e de glória, cada um segundo

sua dignidade e seus méritos e é por isto que Deus mostrou, aos santos, a glória do Reino dos Céus sob esta cor verde da preciosa esmeralda.

A terceira claridade celeste é divina e não é outra coisa além da sabedoria e a claridade eterna do próprio Deus. Ela reúne e ultrapassa toda claridade criada e, em comparação com a clara Sabedoria de Deus, todo conhecimento criado, no céu e na terra, é menor do que a luz de um círio em pleno sol, no meio do verão.

Assim, todos os intelectos devem ceder diante da claridade e da verdade incompreensível que é Deus. Ora, nessa claridade divina aparece como uma cor verde que não se pode comparar a nenhuma outra, tanta é a graça e a glória que nela brilham, obscurecendo e cegando toda visão e lhe retirando a faculdade de ver e assim, seu terceiro livro é uma vida celeste onde brilha uma tríplice claridade e a cor verde. A primeira é sensorial; a segunda é espiritual; a terceira é divina.

Este livro é inteiramente escrito com ouro fino, pois todo retorno amoroso para Deus constitui uma linha traçada com ouro. Ter o verdadeiro conhecimento de Deus, de nós mesmos e das virtudes é o esplendor brilhante do nosso livro.

As virtudes, com seus modos múltiplos, sua variedade e a prática que fazemos delas constituem sua cor verde. Mas, desejar intimamente, aderir amorosamente, se unir divinamente, estas são as linhas eternas escritas em ouro em nosso livro celeste.

Foi por isto que o Senhor mostrou às vezes a vida celeste sob a aparência da safira ou do arco-íris, onde são percebidas múltiplas cores. A safira é amarela e vermelha, verde e púrpura, misturada com pó de ouro e o arco-íris é de cor variada.

Da mesma forma também, os santos são múltiplos, segundo o modo e a diversidade das virtudes e tudo misturado com pó de ouro, ou seja, penetrados pelo amor e unidos em Deus e todo aquele que ama se mantém em presença de Deus com seu livro totalmente claro e de cor verde, totalmente brilhante de graça e de glória.

Eleve então seu espírito acima de todos os céus, para ler estes livros. Os santos, nele aparecem totalmente plenos de glória quanto aos sentidos exteriores, em razão de suas grandes obras e, quanto ao interior, no espírito, em razão dos modos e das múltiplas práticas das virtudes. Mas, acima de tudo, eles são elevados em Deus em uma fruição de amor.

Se então você estiver morta em Cristo para você mesma e para toda coisa e ressuscitada com ele para uma nova vida, busque e desfrute das coisas do alto e que são eternas.

Reveja suas sete clausuras e examine com cuidado seus três livros, mesmo que você não possa ler e nem compreender o terceiro, pois a glória é sem medida e tão profunda que não se pode penetrá-la. Assim, ela se parece com a esmeralda, que também é impenetrável.

Beba, saboreie, inebrie-se. Depois, se inclinando sobre seu livro, repouse e adormeça na paz eterna e quando você despertar, imediatamente virá para você o que você deve amar, o que vive em seu coração e no que você está acostumada a pensar.

Seja constante no serviço a Deus e sempre implore sua graça.

Que haja óleo em sua lâmpada. Vigie e reze em boa medida. Seu Noivo vem em pouco tempo e é preciso ser encontrada entre as virgens prudentes, para que Deus a receba entre as dele, lá onde a felicidade é sem fim.

Que possamos todos encontrá-lo e que Deus nos dê o que nos falta!

Amém. Amém. Amém.

Índice

O LIVRO DAS SETE CLAUSURAS **3**

Prólogo *3*
Capítulo 01 ..... *4*
Como Cristo se fez servidor 4
Capítulo 02 ..... *7*
O princípio de toda vida boa. 7
Capítulo 03 ..... *9*
Como se deve participar da missa. 9
Capítulo 04 ..... *14*
Os quatro modos do exercício íntimo. 14
Capítulo 05 ..... *20*
A obediência e a humildade. 20
Capítulo 06 ..... *23*
Como os doentes devem se comportar. 23
Capítulo 07 ..... *25*
A conduta com relação ao próximo. 25
Capítulo 08 ..... *27*
A maneira de evitar a gula e outra questão. 27
Capítulo 09 ..... *33*
Como se deve se apresentar no parlatório. 33
Capítulo 10 ..... *36*
A primeira clausura. 36
Capítulo 11 ..... *37*
A segunda clausura 37
Capítulo 12 ..... *39*
A terceira clausura 39
Capítulo 13 ..... *40*
A quarta clausura. 40
Capítulo 14 ..... *42*
A quinta clausura 42
Capítulo 15 ..... *45*
A sexta clausura. 45
Capítulo 16 ..... *47*
A sétima clausura. 47
Capítulo 17 ..... *48*
As três vidas da pessoa justa. 48

Capítulo 18..... *53*
Quatro tipos de vida espiritual. 53
Capítulo 19..... *56*
Aonde leva a prática dos quatro tipos de vida. 56
Capítulo 20..... *63*
O hábito que é preciso usar. 63
Capítulo 21..... *67*
Três livrinhos para ler à noite. 67
ÍNDICE 78